



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
Faculdade de Direito e Relações Internacionais
Curso de Relações Internacionais - FADIR

Jéssica Yamanari Shirata

Mulheres migrantes e muçulmanas em Dourados
Um recorte sobre a religião como fator de integração e reafirmação de
identidades

Dourados - MS
Janeiro de 2018

Jéssica Yamanari Shirata

Mulheres migrantes e muçulmanas em Dourados
Um recorte sobre a religião como fator de integração e reafirmação de
identidades

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Mário de Sá
Co-orientadora: Profa Ma. Katiuscia Moreno

Dourados - MS
Janeiro de 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S558m Shirata, Jessica Yamanari

MULHERES MIGRANTES E MUÇULMANAS EM DOURADOS : UM
RECORTE SOBRE A RELIGIÃO COMO FATOR DE INTEGRAÇÃO E
REAFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES / Jessica Yamanari Shirata -- Dourados:
UFGD, 2018.

45f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Mario Teixeira de Sá Junior

Co-orientadora: Katiuscia Moreno Galhera

TCC (Graduação em Relações Internacionais) - Faculdade de Direito e
Relações Internacionais, Universidade Federal da Grande Dourados.

Inclui bibliografia

1. Transnacionalismo. 2. Gênero. 3. Islamismo. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 22 de janeiro de 2018, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais o (a) aluno (a) **Jéssica Yamanari Shirata** tendo como título "A religião como fator de integração e reafirmação de identidades na mobilidade de mulheres migrantes e muçulmanas em Dourados".

Constituíram a Banca Examinadora os professores Dr. Mario Teixeira de Sá Junior (orientador/a), Dra. Katiúscia Moreno Galhera (examinador/a) e Dr. Alfa Oumar Diallo (examinador/a).

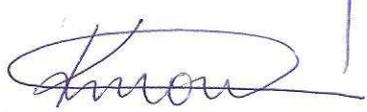
Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado (a) APROVADO.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: Com indicação de publicações.

Assinaturas:


Dr. Mario Teixeira de Sá Junior
Orientador/a


Dra. Katiúscia Moreno Galhera
Examinador/a


Dr. Alfa Oumar Diallo
Examinador/a

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Universidade Federal da Grande Dourados e especialmente à FADIR – Faculdade de Direito e Relações Internacionais e todo o corpo docente, direção, coordenação e servidores da administração por serem excelentes profissionais que fizeram parte dos quatro anos mais importantes que construí nessa cidade.

Agradeço também, à minha família que influenciou em grande parcela, a inspiração para esta pesquisa, como imigrantes no Japão por mais de vinte anos. Especialmente aos meus pais, Célia Yamanari e Rosalino Romeiro Shirata por toda força, apoio, compreensão e amor. Por sempre lutarem comigo e por mim em todos os meus objetivos e por sempre fazerem o possível e o impossível, pensando no melhor futuro para mim, e para meu irmão, Jefferson Yamanari Shirata, que também esteve constantemente me apoiando e me incentivando a ser alguém melhor. Obrigada pela proteção e por todos os cuidados que sempre tivera comigo.

À minha segunda família que cultivei dentro na Universidade e que fizeram grande parte da minha história em Dourados: Ana Laura Verginassi, João Paulo Ribeiro Rodrigues, Luiz Gustavo Mantovani, Marcelo Lopes, Luara Rezende, Lucas Carrilho e Amanda Coutinho.

Um agradecimento especial à Bianca Pereira de Andrade, que nessa graduação foi a luz que me guiou e me ajudou em diversos sentidos, sempre acreditando em mim. Obrigada por me fazer ter um olhar mais atento às mulheres e por me permitir fazer parte do seu mundo de cataventos. Obrigada por todo o companheirismo durante as conversas nas madrugadas, as loucuras nas festas e pelos crepes maravilhosos. Você transborda inspiração e eu tenho toda a certeza do mundo que você voa longe. O mundo é pequeno perto de você!

À Bruna Taís Weber, que compartilhou comigo todas as angústias e sofrimentos dessa vida acadêmica, pelas reuniões sindicais e pela troca de sessões psicológicas. Obrigada pelas conversas, por sua companhia, por ser a melhor dinda e por fazer meu dia ser divertido quando as coisas estavam ruins. Que tenham muitas escadas abrindo caminho pro seu sucesso e que o destino mantenha a nossa amizade sempre viva.

Ao amor que Dourados e o ensino médio me deu, Luís Henrique de Souza Albertini, por ser meu companheiro de vida e melhor amigo desde 2013. Por sempre me apoiar e continuar me encorajando e incentivando a seguir meus sonhos e por me ensinar a nunca desistir dos meus objetivos mesmo quando tudo pareceu ser impossível. Obrigada por estar crescendo ao meu lado, por estar e ser presente.

Ao meu orientador, Mário Sá pela paciência e compreensão. Pelas dicas ao realizar as entrevistas, na construção das estruturas desse trabalho e por me trazer um olhar mais aberto às religiões. Muito obrigada!

À minha co-orientadora Katiúscia Moreno, por toda atenção e carinho ao longo deste trabalho. Pela força nas horas de desespero e angústia, por estar sempre pronta a me ajudar, por me incentivar e por sempre ajudar na composição de toda a pesquisa. Muito Obrigada!

À todas as entrevistadas, que foram fundamentais na construção desse trabalho. Obrigada por serem tão solícitas e por disporem de um tempo para que essa pesquisa fosse realizada. Aprender com cada história, enaltecer o fenômeno migratório dentro da minha cidade natal e poder mostrar a realidade da migração feminina foi uma honra.

À mesquita de Dourados, por abrir suas portas e me receber tão bem. Por me permitir usar um hijab pela primeira vez e me apresentar os ensinamento do islã para me aproximar ao tema.

RESUMO

Mulheres migrantes e muçulmanas em Dourados

Um recorte sobre a religião como fator de integração e reafirmação de identidades

Analisa-se neste trabalho a influência da religião no processo de deslocamento internacional das mulheres migrantes e muçulmanas na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul. Considerando que globalização no Sistema Internacional envolve diversos processos ligados às questões históricas e às mudanças sociais diante da progressão das desigualdades sociais, envolve também, interações sociais, culturais e religiosas. Em se tratando de globalização, estamos abordando sob uma de suas ramificações, a mobilidade humana nas relações internacionais, uma vez que pessoas tem se espalhado ao redor do globo de forma que a migração internacional é parte de uma conjuntura transnacional. Nesse sentido a análise de gênero nas migrações internacionais mostra-se como objeto fundamental para uma abordagem dos estudos migratórios na contemporaneidade. Busca-se entender como objetivo desta pesquisa, além de todas as causas da migração e as consequências do cenário pós-migratório a partir do recorte religioso sobre as implicações que a religião tem sobre a migrante no processo de reafirmação identitária no contexto social externo. Assim, a pesquisa também busca analisar a existência de redes de sociabilidade, pelo elo religioso, sobre como se manifestam e influenciam na integração das migrantes durante o processo de mobilidade humana. Este trabalho foi construído em base de entrevistas em campo, colhendo os depoimentos das migrantes muçulmanas na cidade de Dourados-MS, bem como fontes bibliográficas. Através deste estudo, foi possível verificar a conquista de maior autonomia e a reafirmação da identidade religiosa mesmo após a escolha de se manter no país com todas as difusões culturais. Assim, o estudo revelou que por meio do universo migratório, o fator da religiosidade é pilar de sustentação, integração e conquista de autonomia das mulheres muçulmanas que migram.

Palavras-Chave: Transnacionalismo; Gênero; Islamismo.

ABSTRACT

Migrants and Muslim women in Dourados

Religion analyzed as a factor for integration and reaffirmation of identities

This paper analyzes the influence of religion in the process of international displacement of migrant and Muslim women in the city of Dourados, Mato Grosso do Sul. Considering that globalization in the International System involves several processes related to historical issues and social changes in the face of the social inequalities, also involves social, cultural and religious interactions and dealing with globalization, we are addressing under one of its ramifications, human mobility in international relations, since people have spread around the globe so that international migration is part of a transnational conjuncture. In this sense, the analysis of gender in international migrations reveals as a fundamental object for an approach to migratory studies in contemporary times. The objective of this research is to understand besides all the causes of migration and the consequences of this scenario, based religion clipping about the implications that religion has on the migrant in the process of identity reaffirmation in the external social context. It also seeks to analyze the existence of connections among through the religious link, on how they manifest themselves and influence the integration of migrants during the process of human mobility. This research was based on field interviews, collecting the testimonies of the Muslim migrants in the city of Dourados-MS, as well as bibliographic sources. Through this study, it was possible to verify the conquest of greater autonomy and the reaffirmation of the religious identity even after the choice to remain in the country with all the cultural diffusions. Thus, the study revealed through the migratory universe, the factor of religiosity as a pillar of support, integration and the conquest of autonomy of Muslim women who migrate.

Key-words: Transnationalism; Genre; Islamism.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1 - GÊNERO NAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS | 10 |
| 1.1 Políticas públicas para as mulheres migrantes..... | 15 |
| 1.2 Redes de sociabilidade..... | 17 |
| 2. A DIMENSÃO RELIGIOSA NO PROCESSO MIGRATÓRIO | 19 |
| 2.1 A Anistia Internacional..... | 24 |
| 3. A TRAJETÓRIA DAS MIGRANTES EM DOURADOS | 26 |
| CONCLUSÃO | 35 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | |
| ANEXOS | |

INTRODUÇÃO

No que tange a análise dos processos de fluxo migratório, a abordagem de gênero ainda é pouco adotada e discutida no conceito das migrações internacionais contemporâneas, mesmo levando em conta a conquista cada vez maior do espaço feminino no mundo globalizado, revelando a importância dessa especificidade no estudo sobre mobilidade humana.

Percebeu-se, de forma cada vez mais clara, que a migração da mulher, em seus elementos constitutivos, podia ter características profundamente diferentes da migração do homem, impossibilitando, assim, análises e avaliações genéricas e neutras quanto à questão de gênero (MARINUCCI, 2007 p 109).

Esse fenômeno foi cobrando uma maior notoriedade ao ponto que se passa a falar em feminização das migrações ¹.

Considerando que ao abordar migração faz-se necessário incluir as variáveis culturais, étnicas e religiosas, o presente trabalho abordará as migrações femininas à luz da cultura e religião muçulmana, em específico as implicações e identidades culturais e principalmente religiosas presentes na realidade desse universo, buscando contribuir na desconstrução dos estereótipos difundidos no mundo ocidental.

Nesse sentido, busca-se o entendimento do processo que a imigração proporciona no contato do que é externo, podendo acarretar transformações em relação à identidade da mulher muçulmana e à sua possível conquista de empoderamento e autonomia sem impedir a sua fidelidade à religião mesmo após a inserção na sociedade receptora e ocidentalizada.

Al buscar la integración, la inmigrante relativiza el sentido de muchas de las costumbres del país de origen que en la sociedad receptora dejan de ser funcionales. La inmigrante trae la línea que distingue el islam de las costumbres propias de su país (SIERRA, 2003, p. 129).

Torna-se fundamental, portanto, analisar as dinâmicas migratórias de mulheres em conjunto com o que se interpreta da religião islâmica e as identidades culturais difundidas no

¹ Conceituado por Roberto Marinucci (2015) como fenômeno composto por três acontecimentos: o aumento quantitativo das mulheres migrantes, a mudança do perfil e a maior visibilidade do universo feminino no âmbito migratório.

seu local de chegada bem como compreender os motivos que levaram a esse deslocamento desmistificando a ótica estereotipada difundida pelo mundo. Como afirma MEZZADRA (2015) “As dinâmicas migratórias podem gerar sujeição e subjetivação e levando em conta a mulher que migra, pode passar por formas análogas ou até mais graves de opressão, mas pode também iniciar processos de emancipação e maior autonomia” (p.13).

Nesse sentido, buscar-se-á como objetivo deste trabalho compreender as implicações e o papel da religião para a migrante muçulmana em diáspora, uma vez que mesmo em contato com uma realidade distinta do seu país de origem e apesar de muitas vezes aderirem ao novo modelo de vida mais liberal e distinto do que antes era seguido rigorosamente, continuam participando ativamente de suas denominações religiosas.

A conquista de uma emancipação não se mostra como um fator nocivo às questões culturais no todo, mas sim como um revigoramento e reafirmação de suas identidades religiosas e uma autonomia para se permitir adaptar à nova cultura, mesclando suas tradições sem se desvincular com a de seu país.

Não seria errado afirmar, nessa perspectiva, que as comunidades islâmicas da diáspora possuem uma formação religiosa mais sólida e, sobretudo, uma formação mais crítica. (JELLOUN *apud* MARINUCCI, 2015)

Isso diz respeito principalmente às mulheres, tanto pela preocupação dos pais em relação aos riscos da cultura ocidental, quanto pela reinterpretação da mulher enquanto “embaixadora do Islã”, ou seja, “pessoa mais apta para transmitir e ensinar o Islã tanto para as novas gerações quanto para a sociedade autóctone.” (MARINUCCI, 2015, pg. 199).

Para tanto, a pesquisa permeia sobre a trajetória específica das migrantes muçulmanas em Dourados e regiões próximas, no estado do Mato Grosso do Sul, analisando as suas religiosidades pelo processo de integração social no contexto pós-migratório e da possível existência de redes de sociabilidade no fluxo dessa mobilidade humana, assim como a conquista da emancipação² quando em contato com uma realidade distinta de seu local de origem.

Busca-se responder, portanto, de que forma as migrantes encaram a mudança cultural e religiosa com o deslocamento geográfico. Esse deslocamento fortalece, dificulta, modifica ou

² Entende-se por emancipação, a reafirmação de sua identidade religiosa e cultural durante a mobilidade humana, em território exterior, como processo de escolha própria.

não interfere na prática e identidade religiosa? Seria o vínculo em redes sociais, um fator responsável pela mobilidade humana e de integração as quais possibilitam a criação e o acesso ao capital social dos membros que as compõem, tais como: a transmissão de informações sobre mercado de trabalho ajuda econômica, concedem um suporte psicológico etc., podendo facilitar a imigração reduzindo fatores de incertezas?

Para um alcance melhor dos resultados, serão feitas análises bibliográficas acerca da religião, cultura e as problemáticas da imigração, passando por questões que motivaram esse deslocamento bem como o comprometimento das migrantes com o elo religioso. Serão realizadas também, atividades de pesquisa em campo buscando dialogar diretamente com a realidade das imigrantes que vivem na região de Dourados- Mato Grosso do Sul.

A construção do presente trabalho se divide em cinco partes, sendo a primeira uma abordagem de gênero nas migrações internacionais, reunindo os conceitos de gênero no fluxo migratório e as diversas interpretações das causas e consequências geradas por essa mobilidade e sobre de que forma se fazem presentes as políticas públicas para esse fenômeno. Assim como analisar sob de que forma as redes de sociabilidade das migrantes funcionam pela ótica da religião muçulmana. A segunda parte traz uma análise de religião no fluxo migratório e busca entender a influência da religião como instrumento de reafirmação identitária e nesse sentido busca analisar o posicionamento da Anistia Internacional frente às questões do uso do véu islâmico como símbolo religioso, bem como discute o papel e as potencialidades da dimensão religiosa enquanto recurso que pode oportunizar a integração dos migrantes. Já no terceiro capítulo, a abordagem será feita por um olhar regional, tratando a temática na cidade de Dourados e regiões próximas do estado do Mato Grosso do Sul. Buscando responder a questão central do trabalho em base de entrevistas com mulheres migrantes e muçulmanas que na cidade migraram e hoje residem.

As entrevistas foram gravadas com o consentimento de todas, contudo, no intuito de preservar as identidades e buscar manter as informações sem alteração de conteúdo, as mesmas não serão identificadas.

1. Gênero nas migrações internacionais

As migrações Internacionais atualmente podem ser consideradas um desdobramento das relações socioeconômicas nas relações internacionais e na globalização.

Abordando por uma perspectiva sociológica,

As migrações são percebidas sob a ótica estruturalista como uma das consequências da crise neoliberal contemporânea. No contexto do sistema econômico atual, verifica-se o crescimento econômico sem o aumento da oferta de emprego. (MILESI, 2005).

Caindo sobre a face da problemática do desemprego, tem-se que os deslocamentos migratórios fazem parte da natureza humana, mas que muitas vezes são estimulados pelo impacto econômico.

Assim sendo, o fenômeno migratório revela-se por diferentes ângulos de interpretações, mostrando certa complexidade desse cenário, dado que a migração também é entendida como um processo social e no caso da migração internacional, destaca-se o surgimento de espaços e comunidades transnacionais (BOTEGA, 2015). Para compreender as causas e consequências da imigração internacional, é essencial uma perspectiva de gênero nas relações internacionais.

La desigualdad entre los géneros puede ser un poderoso factor que contribuya a precipitar la migración cuando las mujeres tienen expectativas económicas, políticas y sociales que las oportunidades disponibles en su país no satisfacen. La migración puede ser una experiencia potenciadora para la mujer (ONU, 2004)

No início do fenômeno migratório, as mulheres eram vinculadas enquanto mães, acompanhantes de seus maridos ou na hora da reunião familiar (MARINUCCI 2007), obscurecendo um papel relevante como agente ativa das análises internacionais. No entanto, ao passo em que percebe-se uma mudança no cenário político e social e a inserção cada vez mais frequente da mulher no mercado de trabalho e seu papel na sociedade, faz com que torna-se questionável a redução da mulher como agente passivo no ato migratório, considerando que o número de mulheres imigrantes passam a acarretar implicações políticas relevantes, tornando-as o centro da pesquisa (GOLD, 1995).

Nesse sentido, para um detalhamento melhor, conceitua-se esse fenômeno à luz do que Roberto Marinucci³ caracteriza como feminização da migração identificado por três fenômenos: o aumento quantitativo das mulheres migrantes como um dos aspectos que definem a nova migração por ter grande contingente feminino, a mudança de perfil qualitativo pela crescente influência do feminismo acadêmico que coloca a experiência da mulher no

³ Possui graduação em Teologia pela Pontificia Università Lateranense (1991) e mestrado em Missiologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção de São Paulo (1995). Atualmente é pesquisador do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios e diretor da Revista REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Pastoral, atuando principalmente nos seguintes temas: migrações internacionais, pastoral migratória, migração e religião, missiologia, ecumenismo e diálogo interreligioso.

centro da produção do conhecimento e a busca pelo trabalho que almeja e a maior visibilidade do universo feminino no âmbito migratório. (MARINUCCI, Roberto).

De acordo com os últimos dados da ONU em 2013, as mulheres perfazem 49% do número total de imigrantes internacionais e em muitas áreas como Europa, América Latina, América do Norte e Oceania, as mulheres representam mais da metade dos migrantes. No entanto, o aumento da migração feminina não é universal nem homogêneo. Na Ásia, por exemplo, as mulheres passaram de 46%, em 1960, para 43%, em 2000. Na África, embora em aumento, as mulheres migrantes perfazem apenas 46,7% do total.

Diferentes variáveis podem interferir na configuração desses fluxos migratórios femininos: as demandas do mercado de trabalho, as leis imigratórias, a formação de redes migratórias e, inclusive, as estruturas de gênero e características culturais, tanto nos países de chegada quanto naqueles de saída. Pode se acrescentar outros fatores também notáveis que acarretam essa ação, tais como casos de pobreza e falta de oportunidades, opressão dentro do próprio núcleo familiar e comunitário de origem e ainda, a migração forçada⁴.

De acordo com LISBOA (2007), esse fenômeno pode ser explicado não apenas pela ambição da procura de melhora na qualidade de vida, em termos objetivos, como trabalho e estudos, mas também como termos subjetivos, como a tentativa de quebrar paradigmas de opressão, discriminação e violência. Já para NAZARETH (2003), por conta da desigualdade de gêneros ainda presente no mercado de trabalho, há um acesso reduzido das mulheres a empregos de qualidade e que nos casos de mulheres migrantes, esse fator parece se potencializar dadas as baixas taxas de escolaridade e a falta de experiência profissional com que costumam migrar.

PARELLA (2003) configura esse cenário como uma situação de vulnerabilidade⁵ considerando as condições precárias de trabalho, como oficinas de costura ou do trabalho doméstico e de cuidados: “ser mulher, trabalhadora, estrangeira e indocumentada conjuga uma série de marcadores identitários que vinculam discriminações e condicionam o projeto migratório” (PARELLA *apud* CSEM p.2)

O fato é que há um grande número de mulheres migrantes precisando e querendo ser incorporadas ao mercado de trabalho, mas sem qualificação adequada. De modo que serviços de doméstica, diarista, faxineira ou babá, que não exigem qualificação e

⁴ Utiliza-se aqui, o conceito de migração forçada, por Mezzadra- “migrações e fronteiras”, 2015.

⁵ Neste caso, por vulnerabilidade entende-se não uma característica inerente ao ser mulher, mas uma realidade social decorrente de estruturas que, de fato, alimentam os estereótipos e as desigualdades de gênero.

culturalmente são associados às mulheres, acabam sendo ocupações remuneradas com grande procura entre as mulheres migrantes. (NAZARETH, 2003).

Reafirmando para a mesma linha de raciocínio, Milesi (2005) alega que as migrantes em situação irregular estão sujeitas a viver em uma condição de extrema vulnerabilidade.

Estão facilmente sujeitos à extorsão, aos abusos e à exploração por parte de empregadores, agentes de migração e burocratas corrompidos. Por medo de serem descobertos e expulsos, eles sequer utilizam os serviços e assistência a que têm direito, embora contribuam com seus trabalhos ao enriquecimento dos países para onde migraram. (MILESI, 2005, p. 11)

Nesse sentido, a mobilidade humana contemporânea acaba gerando também, outros desafios ligados diretamente às políticas migratórias restritivas.

As rígidas leis da imigração, estabelecidas por muitos países receptores, serviram, ao contrário, de fato, para estimular a migração irregular. Quando é difícil atravessar uma fronteira legalmente, e existe uma necessidade impelente de fazê-lo, tentam de fato a migração não autorizada. Quando as pessoas estão despojadas de seus direitos, como os migrantes em situação irregular, é fácil explorá-los e maltratá-los, e, ao mesmo tempo, obter benefícios econômicos à custa delas. (HAMAQ, 2003)⁶.

De volta ao conceito de feminização, sobre a participação feminina nas migrações internacionais, Marinucci caracteriza como um fenômeno qualitativo essa abordagem sobre exploração da mão-de-obra da mulher migrante. Em uma análise sobre mulheres migrantes de países do Sul para o Norte, sobretudo na União Europeia, o autor aponta a crescente procura por mulheres que cuidem de idosos e crianças, com flexibilidade de horários e baixos salários

Para livrar-se do peso do trabalho doméstico, as mulheres nativas dependem da comercialização deste trabalho e compram os serviços das mulheres mais pobres e a baixo preço. E em nossa sociedade globalizada, são as trabalhadoras migrantes do Sul que estão liberando cada vez mais as mulheres do Norte desse peso. (PARREÑAS *apud* MARINUCCI, 2007, pg. 8)

Todavia, isso traz consequências significativas para a relação entre mulheres. O progresso de um grupo de mulheres dá-se às custas da desvantagem de outro grupo de mulheres, porque, no processo de livrar outras mulheres desse peso, às trabalhadoras migrantes do Sul comumente é negado o direito de cuidar de sua própria família. (MARINUCCI, 2007)

Cabe salientar, neste ponto, que a carência econômica decorrente da dificuldade que a mulher tem de entrar no mercado de trabalho ou, então, de sustentar empregos mal remunerados e extremamente precários, geram situações de vulnerabilidade econômica.

⁶ Presidente do Conselho pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes.

Além disso, cabe lembrar que, em muitos países do mundo, aumentou o número de lares chefiados por mulheres: muitas delas, sendo responsáveis pelo sustento familiar, se veem obrigadas a migrar para aumentar suas rendas (MARINUCCI, 2007). Assim, não raramente, são obrigadas a tolerar certos tipos de violações dos próprios direitos para não precisarem abrir mão do emprego, gerando uma situação de maior submissão do que de autonomia⁷

Não obstante, o envio de remessas é muito pautado enquanto causa das migrações femininas nos estudos contemporâneos, como um deslocamento causado pelo bem maior da família.

De acordo com grande parte das entrevistadas, o envio de remessas é um ato corriqueiro para as migrantes, no intuito de ajudar seus conterrâneos no país de origem. Uma delas, filha de imigrantes palestinos, quando questionada a respeito, responde: “Acontece muito. Meus pais fazem isso direto. Minha mãe mais ainda, pois ela manda grandes quantias de dinheiro para ajudar quem ainda mora lá.”⁸

Para DUTRA (2013) a necessidade de dar sustento à família é uma forte motivação para a migração em geral e para a migração feminina em particular.

As mulheres migrantes são os principais agentes ativos no envio de remessas aos seus países de origem, acompanhando a crescente tendência de aumento do número das famílias monoparentais e do que se denomina de feminização da pobreza” (DUTRA, 2013, p. 82-83)

Segundo os estudos da OIM as mulheres imigrantes enviam tanto dinheiro quanto os homens e mesmo levando em conta as disparidades de salários, ainda mandam uma proporção maior do que ganham, de forma mais regular e durante mais tempo.

Essas remessas são um alívio econômico para as famílias receptoras, mas também um fator de reequilíbrio entre gêneros. Mulheres que enviam dinheiro assumem um papel que não tinham e as que recebem assumem novas responsabilidades na administração familiar (OIM, 2012).

⁷ No caso específico das empregadas domésticas, a própria OIT reconhece que constituem um dos grupos mais vulneráveis no atual contexto da mobilidade humana: “Las condiciones de trabajo de los trabajadores del servicio doméstico varían enormemente: se los trate a veces como miembros de la familia de sus empleadores, pero en otros casos se los explota, em condiciones que equivalen a las de esclavitud y trabajo forzoso. A menudo, la jornada de trabajo del personal del servicio doméstico es larga e incluso excesiva (15 ó 16 horas al día, por término medio), sin días de descanso ni compensación por las horas extraordinarias; su salario suele ser muy bajo y tienen una cobertura insuficiente en lo que atañe al seguro médico. Se los somete también al acoso físico o sexual, a la violencia y los abusos y, en algunos casos, se les impide física o legalmente salir de la casa del empleador recurriendo a amenazas o a la violencia, o a la retención del pago de los salarios o de sus documentos de identidad” (OIT ,n.191)

⁸ Filha de pais imigrantes palestinos, 33 anos, residente na cidade de Dourados MS.

Considerando os dados maciços de mulheres migrantes, torna-se indispensável discutir sobre as políticas públicas implementadas em razão desse fenômeno. Em seguida, será analisada as consequências da falha de sistemas eficazes para evitar a exploração e maus tratos da mulher no exterior.

1.1 Políticas públicas para as mulheres migrantes

Num informe publicado em novembro de 2012, da Caritas Internacional⁹ é exposto a necessidade de se abordar sobre os serviços sociais que ocupam as mulheres que emigram. O relatório documenta os desafios enfrentados por mais de cem milhões de mulheres que procuram oportunidades fora do próprio país e viajam sem a família. Algumas encontram trabalhos melhores, oportunidades de formação e mais liberdade. Mas, com excessiva frequência, se vêem enganadas, maltratadas, violentadas ou discriminadas durante a viagem ou quando chegam ao país de destino.

Com frequência, os maus tratos são invisíveis. Acontecem em casas particulares, onde elas são espancadas, não ganham nada e têm jornadas de trabalho longuíssimas. Acontece também nos prostíbulos, onde elas são vendidas por traficantes de pessoas e são obrigadas à prostituição. Acontece no interior, no trabalho agrícola, onde mulheres ficam amarradas a contratos de trabalho semelhantes à escravidão. E também nas regiões urbanas, com mulheres maltratadas, mal pagas e vítimas de abusos sexuais. Acontece durante a viagem de emigração, quando os traficantes se aproveitam da vulnerabilidade feminina. Martina Liebsch- Responsável pela incidência da Caritas Internacional. (2012)

A Caritas Internacional expressa o desejo de que as mulheres migrem em condições de segurança e proteção. Por isso, exige que os países adotem medidas para proteger as mulheres, incluindo assessoramento prévio à saída do país, registro de refugiados e inspeções no local de trabalho. Os governos deveriam revisar as suas políticas de migração para comprovar os efeitos sobre as mulheres migrantes. Também pede mais atenção às famílias e mães que se separam dos filhos ao emigrar:

Muitas mulheres deixam os filhos no país de origem, para cuidar dos filhos dos outros no exterior. Os filhos das migrantes ficam com outros parentes e crescem sem mãe. Precisamos de políticas que deixem as famílias unidas, ou, pelo menos, que ofereçam proteção social aos filhos que ficam para trás.

Muitas mulheres escapam de situações de trabalho terríveis e até de torturas. Outras correm o risco de terminar presas, quando sua permissão de trabalho está vinculada a um empregador que as maltrata. A Caritas quer que as mulheres migrantes, independentemente do seu status jurídico, possam defender os seus direitos humanos. Defendem que as mulheres

⁹ A Caritas Internacional (Caritas Internationalis) é uma confederação de 162 organizações humanitárias da Igreja Católica que atua em mais de duzentos países.

migrantes têm muito a oferecer nos seus próprios países e nos países em que trabalham, por esse motivo, afirmam que é hora de avaliar a sua contribuição à sociedade, com políticas de migração que as defendam e protejam.

O Alto Comissário para Refugiados mencionou os esforços da organização nos últimos anos para promover a igualdade de gênero.

O diálogo é um importante aspecto da abordagem participativa do ACNUR na proteção das pessoas que estão sob nosso mandato” E prossegue: “Essa perspectiva é especialmente relevante quando se trata de mulheres e garotas, que são desproporcionalmente afetadas pela violência sexual e de gênero (...)”

Nesse sentido, fica claro a iniciativa feminina de buscar um novo estilo de vida no exterior, seja a trabalho, por finalidade acadêmica, por carência econômica ou até mesmo, pela procura de um outro ambiente decorrente de situações políticas, mesmo considerando situações de vulnerabilidade econômica e os impasses gerados pela migração.

Surge ainda, no incremento dos estudos sobre migração, a percepção de que há certa seletividade nas dinâmicas migratórias, fazendo com que determinadas pessoas de um mesmo segmento da população e, portanto, expostas ao mesmo tipo de conjuntura econômica, social e política, se tornem migrantes e outras não. ,

Assim, as teorias baseadas na lógica do push and pull deixam de ser suficientes e os estudos migratórios passam a incorporar a noção de redes sociais, numa tentativa de articular as perspectivas estruturais com aquelas de ordem individual (SOARES, 2003).

1.2 Redes de sociabilidade

Considerando o ponto de mobilidade social como um meio para a mudança das condições de vida, tanto das migrantes como de suas famílias, é preciso levar em conta o quanto as redes sociais também afetam a formação e perpetuação dos fluxos migratórios.

A teoria das Redes Sociais atribui o fenômeno migratório à formação de redes, as quais vinculam os migrantes com parentes, amigos ou compatriotas que permanecem no país de origem (ARANGO, *apud* BOTEGA, 2013).

As redes possibilitam a criação e o acesso ao capital social dos membros que as compõem, tais como: a transmissão de informações sobre mercado de trabalho ajuda econômica, concedem um suporte psicológico, etc. Nesse sentido, facilitam a migração, reduzindo custos e incertezas (BOTEGA, 2013).

A migração é pensada como estrutura comunitária que translada, uma vez que as unidades efetivas da migração são os conjuntos de pessoas ligadas por laços de amizade, parentesco e experiência de trabalho, que incorporaram o país de destino nas alternativas de mobilidade por eles consideradas (ASSIS; SASAKI, 2000).

Neste sentido, a rede permite aos possíveis migrantes do país de origem manter contato com parentes, amigos e conterrâneos, além de obter informações e oportunidades de emprego, hospedagem e assistência financeira no país de destino. Segundo as autoras ASSIS E SIQUEIRA (2009), no caso de migrações de longa distância, quanto mais estabelecidas são as redes, maiores as chances que o migrante tem de ser bem sucedido na adaptação no lugar de destino.

Para MONTEIRO em sua pesquisa sobre mulheres migrantes na Amazônia, o fato de muitas dessas mulheres migrantes não saberem nada a respeito do lugar de destino faz com que o fator que permite e ajuda na motivação dessa mobilidade sejam as redes. Para a autora, a migração acontece sempre em redes. ‘’Ou se conhece alguém que está lá, ou alguém que está indo. Esta é a única segurança e garantia de entrada no país estrangeiro’’. Ainda acrescenta que ‘‘mesmo o tráfico de pessoas e a migração ligada à prostituição acontecem em redes’’ (MONTEIRO *apud* CSEM, 2012, p. 4).

A partir daí, ganha força a ideia de que as unidades efetivas da migração não são nem indivíduos, nem famílias, mas conjuntos de pessoas conectadas por laços de amizade, parentesco ou trabalho (SOARES, 2003) e, assim, o processo social da migração passa a ser entendido como meio de redes migratórias. Soares conceitua esse fenômeno para o estudo das migrações como:

A teia de relações sociais interligadas, mantida por um conjunto de expectativas mútuas e de comportamentos determinados, que apoia o movimento de pessoas, bens e informações, que une migrantes e não-migrantes, que liga comunidades de origem a lugares específicos das sociedades de destino, constitui a rede migratória. Essa rede tende a se tornar auto-suficiente com o tempo, por causa do capital social acumulado, que faculta aos migrantes em potencial contatos pessoais com parentes, amigos e conterrâneos, além de oportunidades de emprego, hospedagem e assistência financeira no destino (SOARES, 2004, p. 106).

Interpretando o fluxo migratório através das redes de sociabilidade, é possível enxergar as funções essenciais dessa situação, além de questões de ordem prática como viabilização de trabalho, como a conexão entre dois lugares, sendo um a terra natal e o destino de chegada do migrante. Se configuram como local de memória e de reafirmação da identidade de origem (SOARES, 2004)

Para Assis (2003) a escolha do local de destino é baseada no grau de consolidação das redes, pois redes mais consolidadas representam maior possibilidade de se atenuar os riscos das migrações de longa distância. Estas redes podem ser apontadas como as causas da migração (SOARES, 2003), mas ponto consensual é o fato de que, se não determinam, ao menos as redes intensificam os processos migratórios servindo-lhes de suporte, mantendo o vínculo entre origem e destino e ao mesmo tempo, fazendo circular recursos materiais e simbólicos, bem como memórias e outros sobretudo, definindo seu fluxo (ASSIS, 2003).

As teorias das redes migratórias, mesmo priorizando o papel estratégico dos grupos sociais, raramente levaram em conta as estratificações e conflitos de gênero presentes no interior dessas redes.

Tratando-se de gênero, Nazareth e Neto (2009) apontam as redes sociais como um facilitador importante na decisão e no projeto migratório feminino por proporcionar o acolhimento, a viabilização de trabalho e moradia, criando nexos e relações entre as migrantes.

Assim sendo, se as mulheres migram em maior número que os homens, não sendo mais possível pensar apenas na justificativa de mulheres como meras acompanhantes e em projetos de reunificação familiar como principal motivador, as redes servem de suporte e se constituem, muitas vezes, como família ampliada, dando a sensação fundamental de pertencimento e servindo de embrião para o reconhecimento social (NAZARETH; NETO, 2009, p. 4)

Portanto, para uma análise detalhada do que vem a ser essas redes, é fundamental incluir uma perspectiva de gênero no seu entendimento, uma vez que como as redes proporcionam não apenas uma sensação de proximidade com a cultura de origem, mas também o sentimento de pertencimento tão caras aos indivíduos, há quem diga que as mulheres se utilizam mais desses laços (ASSIS, 2003).

O ambiente social tem um papel efetivo no caso da imigração internacional, porque esta só ocorre de fato se a rede social a que pertence determinado ator propicia o conjunto de laços/conexões que permita levá-la a efeito (DUTRA; BOTEGA, 2014).

As tradições religiosas também constituem um importante caminho de integração dos migrantes, portanto levando em consideração, o elo religioso como outro possível vínculo para essas redes de sociabilidade, o seguinte tópico analisará sob de que forma e até que ponto a religiosidade (e aqui se faz especificidade à religião muçulmana) se faz presente no processo de mobilidade do imigrante.

2. A dimensão da religião no processo migratório

A intensificação das migrações internacionais tem provocado a formação de sociedades cada vez mais multiétnicas e culturalmente diversificadas. Nesse contexto, o imigrante muitas vezes pode deixar de ser apenas o trabalhador que porta mão de obra barata e oriunda de outro país, para transformar-se no ser humano portador de uma diversidade cultural e religiosa.

O desafio da alteridade - religiosa e cultural - tornou-se uma prioridade, sobretudo no que concerne o dia-a-dia dos migrantes. Cabe às religiões reunir forças de suas próprias tradições espirituais e interagir com os processos sociais, políticos e culturais a fim de criar maior solidariedade humana e harmonia universal. “É por isso que, embora afirmando a riqueza de cada tradição religiosa, precisamos também destacar a importância do encontro das religiões para salvar o mundo, a humanidade e a natureza” (WILFRED, 2001 pg. 43).

A instrução *Erga Migrantes Caritas Christi* assim descreve os desafios inerentes ao pluralismo religioso

Encontramo-nos frente a um pluralismo cultural e religioso talvez jamais experimentado assim conscientemente como agora. De um lado, se procede a grandes passos rumo a uma abertura mundial, facilitada pela tecnologia e pelos meios de comunicação que chega a pôr em contato, ou coloca internos um ao outro, universos culturais e religiosos tradicionalmente diferentes e estranhos entre si, do outro lado, renascem as exigências de identidade local, que encontram na especificidade cultural de cada um o instrumento da própria realização (*Erga Migrantes Caritas Christi*, 2004 n. 35.)

Considerando o intenso fluxo de imigrantes e refugiados de países de tradições islâmicas, dadas as circunstâncias do sistema internacional, a religião – islâmica – vem se tornando um tema central nos debates políticos em diversos países.

A tradicional preocupação com os impactos econômicos da acolhida de estrangeiros é acompanhada por intensas discussões sobre a integração de populações cultural e religiosamente diferentes, bem como pela questão da segurança nacional diante do espectro do Daesh (o assim chamado —Estado Islâmico). (CSEM, edição 102,2016).

BELLO (1998), ao falar sobre a função da religião na vida do ser humano, diz que

Só a religião é plenamente sensível à dignidade do ser humano como indivíduo, pessoa e criatura que possui dimensões espirituais e físicas. [...] É somente a religião que estabelece espaços e instrumentos visando dar a todos a possibilidade de buscar e explorar as profundezas do próprio ser. (BELLO, 1998, p. 162)

Segundo Marinucci (2015) “As religiões, enquanto sistemas viventes, se transformam constantemente em decorrência da interação com a alteridade e a pluralidade do ambiente

externo.” Considerando os estereótipos difundidos no mundo ocidental, essas dinâmicas se incluem ao falarmos de islamismo na conjuntura internacional na atualidade.

Com base no relatório de pesquisas e estatísticas do Centro Scalabriano de Estudos Migratórios, o principal fator que dificulta a prática religiosa do estrangeiro está relacionado com o trabalho e suas consequências, sejam por questões logísticas de espaço ou cansaço físico, causando desmotivação à ida ao culto. Contudo, se por vezes, a prática religiosa é dificultada por fatores culturais, relacionais ou práticos, foi identificado com base nas entrevistas realizadas para essa pesquisa, que a fé da maioria das migrantes continua extremamente firme.

De acordo com uma estatística feita à base de entrevistas de mulheres migrantes no Brasil¹⁰, grande parte das mulheres que possuem uma cosmovisão religiosa, afirmam que a migração contribuiu no fortalecimento da fé. Muitas delas, apesar de dificuldades práticas, culturais e relacionais, continuam participando ativamente de suas denominações religiosas.

Em outros termos, a participação ativa em lugares de culto, mesmo sendo este o mesmo seguimento e tradições da terra de origem, implicam a incorporação de traços culturais típicos da nova sociedade.

Questiona-se, nesse ponto, se as migrantes praticantes do islamismo, interagindo com a cultura do país de acolhida, acabam internacionalizando novos traços culturais, ou quais os processos e causas que levam as migrantes a reinterpretar seus paradigmas de crença e de pertencimento religioso.

Os migrantes que possuem uma cosmovisão religiosa, não raramente, utilizam suas crenças como ferramentas simbólicas para enfrentar os desafios da jornada migratória. A religiosidade pode ser um caminho que permite ao migrante recuperar a consciência da própria dignidade: aquele estrangeiro que na sociedade é estigmatizado como sendo “clandestino”, “invasor”, “extracomunitário”, “criminoso” ou até “terrorista”, encontra nas comunidades religiosas espaços de protagonismo e acolhida gratuita. Mediante a religiosidade o migrante pode resgatar a dignidade, a autoestima, a consciência de seu valor. A religião, enfim, antes que fuga da realidade se torna fonte de emancipação, um recurso simbólico para enfrentar o desafio da inserção na terra de chegada. (MARINUCCI, 2013).

SADIQ (2008) em seu texto sobre estereótipos e mulheres na cultura marroquina atenta sobre as diferenças nas definições entre o Islã como fé e como cultura. ‘O Islã como fé é percebido como uma relação pessoal entre um indivíduo e Deus e o Islã como cultura é percebido como parte e parcela da identidade geral’ (SADIQ, 2008, Pg.6)

¹⁰ Mulher Migrante: Agente de resistência e transformação / Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. – Brasília: Csem, 2014.

E tratando-se de elementos identitários, Lucimar em sua pesquisa sobre muçulmanos migrantes em Goiás, afirma que

Dentre esses elementos culturais constitutivos na formação da identidade dos imigrantes muçulmanos na sociedade assume-se, primeiramente, a prática da religião como sendo o principal elemento cultural que vem se modificando, uma vez que a própria formação das comunidades de imigrantes se dá pela constituição deles enquanto pertencentes à religião islâmica. (BORGES, Lucimar, 2004 p.67)

A autora defende que a religião do imigrante, interpretado como um elemento cultural quando em contato com a sociedade receptora, sofre modificações uma vez que a própria formação das comunidades de imigrantes se dá pela constituição deles enquanto pertencentes à religião islâmica.

Ser muçulmano em um país muçulmano é muito distinto de ser muçulmano imigrante em um Estado não muçulmano. A vida de um muçulmano em um país muçulmano é viver um governo muçulmano, constituído por leis de acordo com os ditames da religião islâmica e uma sociedade organizada em prol de um modo de vida estabelecido pelos mandamentos da religião. Contudo, viver como imigrante em um país não muçulmano, onde as esferas religiosas e políticas estão separadas, torna-se um dilema para a compreensão do fenômeno da imigração dos muçulmanos. (BORGES,2004, pg. 68)

Samper Sierra (2003), numa pesquisa sobre mulheres marroquinas muçulmanas na Espanha, sustenta que o deslocamento geográfico, apesar de ser, na maioria dos casos, um empreendimento familiar que visa ao envio de remessas, pode contribuir para o empoderamento da mulher e para a reinterpretação dos paradigmas de crença e de adesão ao Islã. A autora sublinha três fatores que incidem nesse processo: a inserção no mercado de trabalho; a redução do controle social; e o aumento do prestígio da emigrada junto à família de origem.

Todavia, esse processo de empoderamento acarreta, também, transformações em relação à religião. SIERRA afirma que as migrantes muçulmanas não renunciam ao Islã enquanto vínculo necessário de relação com a família. Baseado nesse pressuposto, Marinucci (2015) afirma que o processo de socialização na sociedade ocidental, principalmente no que diz respeito à inserção no mundo do trabalho e numa sociedade que presumidamente, é pluralista, faz com que os paradigmas de pertencimento e de crença se tornem cada vez mais individualizados e desinstitucionalizados, fortalecendo, assim, a autonomia da mulher: ‘’ A mulher muçulmana, que, longe de ser vítima do patriarcalismo, assim como desenhada pelos estereótipos ocidentais, escolhe os caminhos de sua história.’’ (NAGRA, 2011).

Em um estudo sobre o feminismo islâmico, na revista *Monções*¹¹ há uma exposição de ideias sobre a influência da religião para a formação de identidades dessas mulheres, em que estas não veem o Islã como empecilho para uma sociedade mais igualitária “Neste sentido, o movimento islâmico argumenta que as práticas patriarcais não são essenciais ao Islã, mas são interpretações social e historicamente contingentes.”¹²

O feminismo islâmico reivindica ser um conjunto de atitudes plurais que buscam, dentro de um referencial centrado no Islã, verificar potencialidades emancipatórias no discurso e na prática, em relação às mulheres. – Revista de Relações Internacionais, *Monções*.

A literatura feminista tem utilizado por diferentes enfoques, os conceitos de interseccionalidade e categorias articuladas como ferramentas para analisar sobre de que maneira as diferentes formas de pertencimento identitário podem incidir no empoderamento ou “desempoderamento” das mulheres. À priori, é que diferentes âmbitos de opressão por vezes se entrecruzam multiplicando seus efeitos na mulher migrante (PISCITELLI, 2008).

É importante sublinhar que o cruzamento das diferentes fontes de opressão da mulher pode gerar mudanças não apenas quantitativas, mas também qualitativas: o desempoderamento da mulher adquire um grau mais elevado quando articulado, por exemplo, com preconceito de classe, etnia ou religião.

Como afirma PARELLA (2003), é muito diferente ser mulher e cuidar do âmbito reprodutivo enquanto dona de casa, empregada doméstica ou empregadora. A opressão é cumulativa e se intensifica com a articulação das múltiplas discriminações atreladas aos marcadores identitários. Tais marcadores não dizem respeito apenas à identidade subjetiva da migrante, mas, sobretudo, às representações sociais hegemônicas na sociedade de acolhida.

Neste ponto, é perceptível a utilização de uma categoria típica dos estudos migratórios, sendo o desenraizamento ocasionado pelo deslocamento gerando nos migrantes a necessidade de uma reconfiguração identitária que, dependendo dos casos, pode provocar o fortalecimento da pertença à própria denominação religiosa, o trânsito religioso ou a reinterpretção do paradigma de adesão.

¹¹ *Monções*: Revista de Relações Internacionais da UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados.

¹² Ana Paula Maielo Silva - Professora do Departamento de Relações Internacionais da UEPB, Doutora em Ciência Política pela UNICAMP; Monique de Medeiros Linhares, graduanda em Relações Internacionais pela UEPB; Rachel Emanuelle Lima Lira Farias de Melo, graduanda em Relações Internacionais pela UEPB

Isto posto, é importante ressaltar diante desse aspecto identitário, o uso do véu pelas mulheres muçulmanas, que acabou adquirindo um forte significado simbólico tanto ao mundo ocidental, quando para o mundo islâmico. NAGRA afirma

Para o mundo ocidental se tornou o sinal do patriarcalismo que deve ser combatido com firmeza em nome da igualdade de gênero; já para o mundo islâmico, o véu se tornou símbolo da luta contra o colonialismo e o imperialismo cristão-ocidental e uma forma de resistência contra a ocidentalização forçada do mundo islâmico – em outros termos, algo análogo à resistência de outras minorias como, por exemplo, os afro-americanos nos EUA (NAGRA, 2011).

No entanto, adotar e escolher o uso do véu no mundo ocidental pode ser origem de discriminação frente à nova sociedade.

2.1 A Anistia Internacional

Um informe da Anistia Internacional de 2012 sobre a discriminação de muçulmanas na Europa, aponta multiplicação de legislações que proíbem o uso do véu em espaço público, com o objetivo de salvaguardar a laicidade do Estado, promover a igualdade de gênero e o respeito dos direitos humanos.

No entanto, segundo essa fonte, essas legislações fomentam a discriminação da mulher por razões religiosas e geram uma redução drástica de sua empregabilidade¹³e, principalmente, alimentam um clima de maior discriminação, como atestado por numerosos atos de violência física e verbal, nas ruas e nos estabelecimentos escolares, à mulher com *hijab* ou *niqab*.

Para a Anistia Internacional (2012), a proibição de símbolos religiosos, conforme o Direito Internacional dos Direitos Humanos, só pode ser aplicada “si se justifica con argumentos objetivos y razonables – de salud o seguridad pública, por ejemplo – y además es proporcionada a la finalidad que persigue”.

Trata-se de uma discriminação por motivos religiosos que, longe de gerar uma maior consciência dos direitos das mulheres, acaba alimentando a islamofobia¹⁴, a saída de alunas muçulmanas das escolas públicas sendo estas, um importante espaço de integração, além de marginalizar as mulheres adultas, principalmente pelo afastamento do lugar de trabalho.

¹³ O informe relata numerosos casos de mulheres afastadas ou não admitidas no emprego unicamente por causa da indumentária.

¹⁴ “Según M., desde que se introdujo la ley la gente muestra aun más hostilidad contra las mujeres que llevan el velo integral. En su relato a Amnistía Internacional afirmó que a menudo la insultaban cuando iba sola por la calle, y que había gente que le escupía. ‘Esta ley segrega a las mujeres que llevan el velo integral. Intento ir acompañada de un hombre siempre que puedo’ (ANISTIA INTERNACIONAL, 2012, p. 103).

Nagra (2011) cita os casos das mulheres muçulmanas Atiya e Zeba no Canadá, as quais começaram a colocar o véu depois dos atentados de 2001, visando oferecer “uma imagem positiva da religião”. A autora afirma que o *hijab* não é uma imposição externa: “by using the hijab to broadcast their support of Islam and the Muslim community, in the post-9/11 era, these women demonstrated individual agency” (NAGRA, 2011. Pg, 435).

Tratando dos atos de violência contra muçulmanos e muçulmanas após a difusão, tanto real quanto midiática, tornou o recurso à religiosidade reativa mais comum entre as comunidades islâmicas. No entanto, Nagra (2011) enfatiza também, que por vezes a construção de uma identidade religiosa reativa ocorre como forma de resistência e de testemunho de um Islã oposto ao que é exposto pela mídia ocidental.

Nas palavras da Anistia Internacional:

en el ejercicio de su derecho a la libertad de expresión y religión, una mujer debería poder elegir libremente lo que desea llevar puesto. Los gobiernos y los líderes religiosos tienen la obligación de crear un entorno seguro en el que toda mujer pueda tomar esa decisión sin la amenaza de violencia ni coerción (2012, p. 124)

“O revigoramento da identidade religiosa não visa ao isolamento, e sim a um testemunho mais fiel da identidade da tradição islâmica.” (MARINUCCI, 2015 p.200). Como afirma Nagra em sua pesquisa, não obstante, em relação à escolha de várias das entrevistadas de colocar o véu, “since the hijab is a clear visible indicator that someone is Muslim, by simply wearing it, Muslim women become ambassadors for their religion” (NAGRA, 2011, p. 435).

É possível constatar que de acordo com a realidade vivida por diversas mulheres migrantes muçulmanas, o preconceito religioso e os estereótipos ainda estão vivos no mundo ocidental. Sendo fator de combate diário dessas mulheres que escolhem o uso do véu no exterior.

No entanto há uma grande parcela de mulheres, posteriormente expostas em estudos bibliográficos e em base das entrevistas da presente pesquisa, que escolhem retirar o véu como também parte de uma reafirmação identitária. A tomada de decisão passa a ser parte de uma consequência pós-migratória na nova conjuntura regional, intrinsecamente ligada aos pontos de práticas da religião islâmica que criam um ambiente propício à integração dos imigrantes, consolidando assim um fluxo migratório específico para uma determinada região (SILVA 2015).

Nesse sentido, o próximo capítulo busca compreender a relação entre as migrações e a dimensão religiosa no que tange as questões identitárias da mulher migrante e muçulmana, bem como a influência das redes de sociabilidade como um possível processo de integração para essas mulheres, dentro da cidade de Dourados, no estado do Mato Grosso do Sul.

3 A trajetória das migrantes muçulmanas em Dourados

De acordo com o Centro de Divulgação do Islã para a América Latina¹⁵, os imigrantes muçulmanos ultrapassam um milhão de pessoas, e com a Federação Islâmica Brasileira 1,5 milhão de imigrantes. Os imigrantes muçulmanos estão distribuídos por todo o Brasil, mas com predominância nas regiões mais desenvolvidas:

Os muçulmanos se concentram nas cidades que têm mesquitas e escolas islâmicas ao menos. A maior comunidade islâmica está no Paraná e no Rio Grande do Sul, mas há grupos importantes em cidades de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Goiás. -Paulo Daniel Farah¹⁶

Sob um olhar Sul mato-grossense, essa análise trata com maior proximidade, as imigrações na cidade de Dourados, com base nos relatos colhidos das migrantes que aqui residem.

De acordo com uma entrevistada brasileira¹⁷, porém muçulmana convertida e residente na cidade há mais tempo que as demais, afirma que os grupos de mulheres muçulmanas que migraram para Dourados estão divididos em três grandes ordens: senhoras que contribuíram para o início e o próprio desenvolvimento da cidade. Logo após dessa geração, surgem as filhas dessas senhoras, que em grande maioria, são brasileiras muçulmanas e por fim, um terceiro grupo de muçulmanas africanas.

No entanto, a presença dessas mulheres é escassa e quase não participam dos encontros presenciais na mesquita. Para esta entrevistada, há dois grandes problemas relacionados à falta de presença feminina na mesquita.

“Não vão à mesquita porque aqui, Dourados tem uma característica interessante: não é uma cidade aberta, como para qualquer outra coisa, como a mesquita. Não é uma cidade que te acolhe que te recebe, eu não sinto isso aqui em Dourados.”

O segundo grande problema, é revelado quando questionada sobre os laços de sociabilidade entre as mulheres na mesquita, a brasileira conta sua experiência na tentativa

¹⁵ O Centro de Divulgação do Islam para a América Latina é uma instituição situada em São Bernardo do Campo- SP, que tem como objetivo divulgar e condensar a comunidade muçulmana brasileira, em função de promover congressos, seminários, publicar livros e periódicos diversos..

¹⁶ Redação - Folha de São Paulo, 23/09/2001

¹⁷ Brasileira, 45 anos, muçulmana.

frustrada de reuni-las: ‘‘Nós tentamos reunir essas mulheres e foi por minha iniciativa, já que tem tanta mulher muçulmana, nós precisávamos nos encontrar’’. Esse encontro em um primeiro momento foi muito estimulado pelo *Sheik*¹⁸, mas no dia da reunião, o líder tomou conta e encaminhou todas as discussões. Esse episódio gerou incômodo à realidade da entrevistada ‘‘Eu não posso participar, porque um movimento de mulheres muçulmanas não pode ser encabeçado por um homem’’.

Encarando este fato para ser questionado e pensado para além das linhas locais, a primeira entrevistada alega que tem uma experiência muito boa do grupo de mulheres em outras regiões como São Paulo, São Bernardo, dentre outras, que também encontraram resistência entre os sheiks e hoje alcançaram uma forte autonomia, mencionando mesquita no centro de São Paulo que são compostas majoritariamente de mulheres migrantes africanas.

Portanto, para ela, tratando-se nesse caso da efetivação das redes sociais por meio do contato religioso dentro da mesquita, não se faz presente nesse ambiente religioso, mas não descarta a existência por outros meios. Afirma que a problemática da mesquita atualmente, além de questões machistas, ficou restrita por algum tempo à grupos específicos de libaneses e palestinos. Agora há também a chegada maciça de africanos, mas que se reúnem em maior número nas grandes festas religiosas, que é o final do Ramadan¹⁹

Os eventos festivos então passam a fazer parte dos encontros massivos das muçulmanas. Para outra entrevistada ‘‘Quando tem a oportunidade e eventos festivos, as pessoas se reúnem mais e com maior frequência’’.

Os rituais religiosos ou festivos seguindo a religião islâmica, como os casamentos, as doações anuais para os mais necessitados da comunidade, os jejuns e as festas do final do Ramadã, são práticas que simbolizam e classificam as coisas e a vida dos imigrantes muçulmanos.

De acordo com outra entrevistada, há algumas décadas atrás, logo no início da chegada de imigrantes, as pessoas eram mais unidas.

‘‘Tinham mais casamentos, frequentavam mais as casas umas das outras e isso foi se perdendo. Tinha a liga árabe, onde se reuniam para fazer confraternizações, mas hoje isso foi se amenizando, por conta de uma individualização.’’

¹⁸ Sheik significa líder religioso na língua árabe.

¹⁹ Ramadã é o nono mês do ano islâmico, onde se é medido pelas 12 revoluções completas da Lua em torno da Terra. O jejum no mês de Ramadã deve ser absoluto e iniciado a partir de seu primeiro dia, desde o alvorecer até a noite. Nesse período não se pode comer, beber, fumar ou manter relações sexuais.

Mas que as datas festivas são sagradas e dificilmente as pessoas deixarão de comparecer.

Para BORGES (2015) A prática da religião e as manifestações sócio-religiosas têm colaborado para as comunidades muçulmanas se manterem enquanto tais. Especificamente no caso das comunidades muçulmanas, dentre as manifestações religiosas, a do Ramadã é a mais significativa, tanto para socialização e aglutinação dos muçulmanos quanto para as reafirmações e reforços de sua identidade.

Os rituais religiosos utilizados pelos imigrantes muçulmanos contribuem para a aglutinação dos valores, das normas e dos princípios considerados importantes por eles, e os mesmos são internalizados, contribuindo, desta forma, para a unificação cultural identitária deles enquanto uma comunidade religiosa (Borges Lucimar p. 70)

Nesse sentido, pode-se dizer que há a formação de agrupamentos sociais e de redes, mesmo que a partir de uma origem histórica ou regional em comum, podendo ser ligados através de um modo de vida compartilhado, de uma doutrina e de um dogma religioso profetizado entre eles, e por outro tem a reconstituição ou reinterpretação dos elementos deste modo de vida no contexto social.

O processo de constituição de solidariedades forma as comunidades. Estas se efetivam num contexto de relações sociais estabelecidas entre eles através dos rituais religiosos e festivos, cerimônias de casamentos, comemorações e encontros, que representam momentos de socialização de informações, de lembranças da pátria de origem, de práticas de costumes, de hábitos e da língua árabe – (BORGES Lucimar, pg.66)

Pôde ser observado esse processo de vínculo por modos de vida compartilhados, para além da religiosidade, mas sim, considerando os elos que a religião proporciona, como no caso da segunda entrevistada²⁰, também brasileira, mas filha de pais imigrantes da Palestina. Ela relata as experiências vividas dos pais e em específico, da mãe, que se mudou para o Brasil, acompanhando o marido e fugindo da guerra à procura de melhores condições de vida. Para ela, “Conseguir vir ao Brasil já é uma vitória considerando as circunstâncias que ela veio”.

A filha de imigrantes revela as mudanças e implicações no processo de chegada ao país e afirma: “eu acho que a religião pode ser agregadora, mas também pode ser desagregadora, porque ela me trouxe conflitos na família, por conta da diferença de cultura”, fazendo

²⁰ Filha de imigrantes palestinos, brasileira, 32 anos, não praticante da religião islâmica.

menção ao drama vivido na família, principalmente com relação à mãe, que ao passo que, ao se adaptar aos costumes, gerava desconforto ao filho mais velho.

“Eu tenho um irmão na Palestina. Ele nasceu aqui no Brasil depois que meus pais chegaram e se casaram. Com 6 anos foi levado de volta para a palestina para aprender a língua e os costumes, por imposição do meu pai, mas foi traumatizante pra ele, por se sentir rejeitado pela própria família. Voltou aos 12 com uma revolta extrema do Brasil e resistente à cultura. Minha mãe já tinha 13 anos no Brasil e já tinha perdido um pouco do caráter cultural da Palestina. Não usava o lenço e usava roupas mais expostas e isso trouxe uma rejeição por conta do choque cultural.”

Ela conta que o irmão, já relutante aos costumes brasileiros e fiel à tradição islâmica, sofria vendo a mãe com as novas vestimentas e fazendo uso de cosméticos que eram considerados por ele, errados frente a tradição religiosa. E assim sendo, voltou para a Palestina, onde constituiu sua família.

Nessa perspectiva, quando questionada sobre uma possível aculturação e mescla entre o local de onde vieram e o de chegada ela afirma:

“Posso dizer que sim, que há uma transformação cultural. Por ser um país mais livre. Minha mãe aprendeu a não ser tão submissa. As mulheres árabes têm um pouco mais de liberdade aqui. São comportamentos que a cultura lá na palestina não permite”.

Essa reconstituição e essa reinterpretação representam algumas modificações e algumas mudanças, conduzidas no processo de internalização de novos significados e representações dadas à vida como imigrante na “sociedade receptora”. (BORGES 2015)

Desta maneira, elas absorveram a cultura brasileira, mas resistem e permanecem alguns elementos identificadores culturais próprios da cultura delas, para que possam se reunir para as orações, festividades e também para seus filhos terem lazer e aprendizagem da língua, da religião e dos costumes islâmicos, para que estes não se percam.

As condições sociais da receptividade local às imigrantes podem ser consideradas importantes nos estudos dos processos migratórios, com ênfase na necessidade de se perceber as condições específicas que elas encontraram na chegada ao Brasil, para melhor entender o processo de integração. E ainda perceber o processo de inserção ou interação social dado pela convivência entre os imigrantes e a sociedade receptora, que se realiza no encontro de dois mundos diferentes.

A entrevistada afirma que um fator extremamente importante e o qual influenciou a vinda e ajudou na adaptação da família aqui, foi de que a grande maioria de palestinos que já residiam aqui no estado de Mato Grosso do Sul, constituídos por comerciantes e vinham todos

da mesma região da Palestina, chamada *Kofor Malek*. Atualmente na cidade de Corumbá, fronteira com a Bolívia, o comércio é composto por mais da metade de imigrantes árabes e palestinos.

O fato de pertencerem à mesma região de origem tornou-se um elemento preponderante e facilitador para a imigração muçulmana em Dourados. A região de origem tem, um significado identificador e aglutinador do indivíduo em torno daqueles da mesma procedência, e ainda, daqueles que sofreram os efeitos repressivos das guerras. Esta situação prevalece também como um meio de solidariedade entre eles no novo ambiente e na formação das comunidades muçulmanas.

Neste ponto, entende-se que os laços de sociabilidade entre as imigrantes, se ampliam, uma vez que aquelas vindas de uma mesma terra, mesmo que seja apenas das mesmas regiões ou cidades próximas, passam a ser consideradas mais íntimas e até mesmo, parte de uma mesma família. Dessa forma, os laços entre as imigrantes que também encontram esse fator em comum, passam a ser firmados além de condições sanguíneas e de religião, mas também de região. Truzzi faz uma observação em relação a este fato.

“há uma forte identificação religiosa e da cidade da qual se origina a família. A religião e a aldeia (ou cidade) definiram os laços básicos de lealdade entre os aqui chegados. A unidade sustentadora de tais laços foi e é a família ampliada” (Truzzi, 1997, p. 26).

Ela alega que a ideia inicial da família era chegar, levantar capital e voltar à sua terra natal. “Os homens mais velhos voltaram em grande maioria pra lá, mas minha mãe não quis. Já estava habituada ao país e gostava muito daqui, trabalhava e por isso não queria voltar”.

Como também é o caso da próxima entrevistada²¹ que veio com a mãe e as duas irmãs, fugindo da guerra na Palestina. Hoje, naturalizada brasileira, conta os impasses da história da família que tiveram dificuldades no processo de adaptação.

“Meu pai veio primeiro da década de 60 só pra trabalhar, porque aqui precisava de mão de obra na agricultura. Mas aí estourou a guerra na Palestina e a gente teve que vim também, só que ninguém falava português.”

Contudo, expõe os sentimentos de pertencimento local que a mãe foi desenvolvendo ao passar dos anos. “meu pai só pensava em voltar, mas minha mãe amava o Brasil demais. Falava que não queria voltar pra Palestina não. O negócio era ficar com as filhas aqui e ser enterrada aqui.”

²¹ Origem palestina, filha de imigrantes também palestinos, 62 anos, muçulmana, residente no Brasil há mais de 50 anos.

E esse sentimento de pertencimento também é compartilhado pela filha, que hoje diz com orgulho ser graduada por uma universidade brasileira: ‘penso no máximo em ir pra passear porque meus filhos e netos são brasileiros.’ E prossegue ‘A gente tá aqui no Brasil, temos que aceitar, somos brasileiros.’

Isto posto, entende-se que as identidades sociais e étnicas se configuram em um processo contínuo e em constante mudança. Segundo SEYFERTH (1995), o conceito de pátria leva a uma categorização ideológica e étnica dupla: uma, de pertencimento a uma pátria de origem, que não foi descartada, apesar dos enclaves políticos de constituição do Estado, como é o caso de ambas as palestinas e outra, de uma nova pátria, o Brasil, afirmando a condição de imigrantes, mas brasileiras, construída pelos esforços de trabalho e a vida social aqui conquistada. Nesse sentido, SEYFERTH afirma:

O que prevalece não é a noção de nação ou Estado brasileiro dado pelas teorias que trabalham a nação, povo e Estado-nação, mas uma nação somente enquanto uma comunidade imaginada, não politicamente imaginada, (...), mas, muito mais próxima do conceito weberiano de comunidade étnica, com ênfase nas noções de origem comum, mesma região, mesma religião e parentesco, bem como o sentimento comunitário, que nutrem a permanência da comunidade, e dentro desta, seus princípios e valores culturais comuns. (SEYFERTH, 1995. Pg. 30)

Segundo alguns pesquisadores, as imigrantes muçulmanas têm-se afirmado enquanto grupo étnico. Esta afirmação se estabeleceu na relação das comunidades muçulmanas e a sociedade brasileira, através de sinais marcadores de suas características étnicas. Para tanto, um exemplo desses sinais é a forma de se vestir e o uso do lenço entre as mulheres muçulmanas, que para a sociedade receptora são marcadores da diferença.

Contudo, nem todo sinal marcador da diferença é percebido desta forma, uma vez que há mulheres muçulmanas que não usam o *hijab*²² como no caso dessa imigrante. No entanto, diferente da escolha de tirar o véu por conquista de uma possível autonomia como no cenário que será tratado mais à frente, nessa circunstância, a escolha do não uso do véu se deu por conta de preconceitos enfrentados por ela e também já eram presentes na sociedade douradense, com a mãe.

Ambas sentiram grande impacto com relação aos efeitos da própria religião. Ela conta que ‘minha mãe era chamada de cigana pelas pessoas, pois só usava lenço e vestido e as pessoas não entendiam.’ Mas afirma que a mãe continuou firme com sua vestimenta até o

²² Caracteriza-se por um conjunto de vestimentas de mulheres que seguem as tradições do Islã. É usado pela maioria das mulheres muçulmanas e é identificado por um véu que cobre a cabeça.

fim de sua vida, mesmo sendo alvo de preconceitos e xenofobia. Já a fim de evitar a realidade vivida pela mãe, a entrevistada conta que não faz mais uso do *hijab* por medo de sofrer os preconceitos que já havia presenciado.

O preconceito é um grande aspecto negativo a ser tratado, dentro e fora do Brasil. A imigrante de Gana²³, retrata esse cenário compartilhado por ela. Residente em Dourados há pouco tempo, a africana expõe sua frustração em relação ao novo estilo de vida na cidade. Para ela, “As pessoas nos veem como pessoas diferentes e por isso nos discriminam.” Mas prossegue “Há pessoas que são boas com a gente e eu gosto muito de ir à mesquita. Mas não vou o tanto que gostaria porque não sei falar português e não consigo me comunicar.”

A mudança de país foi causada pela transferência de trabalho do marido e por isso, saiu do seu país de origem para acompanhá-lo. E por mais que ainda seja muito recente, a ganense diz gostar muito de Dourados e que não tem previsão de volta.

Percebe-se que grande parte dos motivos da mobilização das mulheres está vinculado ao trabalho. Quando questionadas sobre a prática das cinco orações diárias, há uma consonância sobre não praticá-las fielmente, mas todas afirmam que rezam em casa. Preferem trabalhar nas lojas por conta do estilo de vida. Portanto, não estão em casa, mas são comerciantes, desenvolvendo diversas atividades. Uma das entrevistadas, conta sua experiência frente à autonomia das mulheres muçulmanas em Dubai.

Por sempre achar que os espaços eram sempre tomados por homens, a realidade distinta lhe causou estranheza no início “As mulheres estão por todos os lugares, trabalhando e fazendo seus trabalhos, desenvolvendo suas atividades mesmo vestidas de burca.” “Há mulheres motoristas de ônibus e taxis. Existe o espaço da opressão, mas elas estão criando outros espaços de luta contra a opressão.”

O trabalho comercial, considerado um dos elementos importantes para o sucesso dos imigrantes muçulmanos, decorre de vários fatores, que vão se estruturando no contexto local. Nunes diz que “O segundo elemento importante para o sucesso dos primeiros imigrantes árabes foi a devoção ao trabalho árduo e persistente”, sendo que o primeiro foi a importância do parentesco. A devoção dos imigrantes árabes ao trabalho “era a resposta a uma situação social em um dado momento e espaço e sob determinadas condições históricas” (Nunes, 2000 pg 105).

²³ Ganesa, 36 anos, residente em Dourados há 10 meses, muçulmana há 2 anos.

Marceu Razeu²⁴ em uma pesquisa de 27 famílias com mulheres migrantes defende que é válido incentivar a formação de uma imagem mais plural da mulher migrante, associando a imagem de 'trabalhadora' a essa mulher. Conclui em sua pesquisa que por um lado, a migração envolve a desterritorialização: pessoas que saem porque não sentem que fazem parte deste espaço. De outro, é um esforço para se reterritorializar, seja lá fora, fixando-se; seja ao retornar, na esperança de ser valorizada pelo acúmulo de dinheiro ou pela diferenciação em relação aos que não migraram.

Essa afirmação nos leva à próxima imigrante²⁵. Senegalesa e recém-chegada ao Brasil, veio sozinha à procura de trabalho e melhores condições de vida. Quando questionada sobre possíveis vínculos de amizades ou parentescos que tenham ligação com o país ela revela: ‘‘A minha irmã já morava aqui, mas não tinha documentos, então teve que voltar pro Senegal.’’ E mesmo com a má experiência da irmã, a imigrante decidiu arriscar e vir.

Ela demonstra gostar muito de Dourados e diz que não deseja mais voltar ao seu país de origem. Considerando o pouco tempo de permanência, é visível as mudanças físicas e psicológicas da senegalesa. Em um ano, a imigrante também deixou de usar o véu, assim como as demais entrevistadas.

Como previamente exposto, o uso do véu ao passar do tempo, com a estadia no Brasil se torna opcional às imigrantes muçulmanas. Ao lado de mulheres muçulmanas que decidem colocar o véu e usá-lo como uma afirmação de sua identidade, há outras que optam por tirá-lo, seja por medo de sofrer qualquer tipo de interpretação ocidental, ou seja por estar assumindo uma postura crítica em relação a determinados costumes culturais e preceitos religiosos.

Para MARINUCCI (2015) Entende-se por um processo de subjetivização da crença e do pertencimento religioso, ou seja, um processo de emancipação típico da modernidade ocidental. CAMPANI (2006) por sua vez, trata a temática com o seguinte exposto

O véu pode aparecer e desaparecer da cabeça dependendo das fases da vida e do momento de identificação pessoal: os cabelos curtos podem desafiar os homens da comunidade, demasiado fundamentalistas, e é por isso que são exibidos com orgulho; especularmente, o véu pode ser a resposta ao insulto do italiano ou à ignorância da assistente social, uma expressão de interpelação, de reivindicação e de reconhecimento. (pg, 137)

²⁴ Aluno de doutorado do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea) da Universidade Federal do Pará (UFPA)

²⁵ Senegalesa, 30 anos, muçulmana e residente na cidade há 2 anos

Se o véu, de fato, não representa necessariamente um símbolo da ausência de religiosidade da mulher muçulmana, pode, no entanto, ser origem de discriminação frente à sociedade ocidental, como já supracitado com base nas experiências vividas pela mãe da imigrante palestina. Mas que no entanto, decidiu continuar vestindo o véu, ao mesmo passo que sofria preconceitos mas se recusava à voltar ao país natal.

Dessa forma, o objetivo não é o isolamento, mas a interlocução com o mundo ocidental com vistas à superação de estereótipos.

Não obstante, imigrante senegalesa também evidencia sua satisfação enquanto cidadã douradense. “Lá eu não podia ir onde queria e não tinha tanta liberdade como aqui. Aqui eu posso ir para praça e não preciso me justificar. Posso trabalhar ”. Ela conta sobre como se sente satisfeita em trabalhar em um salão de beleza, fazendo cabelos e podendo exibir a própria arte em si mesma.

E mesmo ainda não dominando o idioma, não estando tão habituada aos costumes e deixando a família no Senegal, revela: “Não quero mais voltar”. Mas ainda assim, apresenta características identitárias da religião islâmica e diz rezar todos os dias em sua casa e frequentar a mesquita sempre que pode.

Conclusão

A presente pesquisa centrou nas mulheres muçulmanas que migraram para o estado do Mato Grosso do Sul com especificidade na cidade de Dourados, com ressalva em algumas regiões próximas, por considerá-la de maior contingente devido à existência da mesquita e pela história da cidade que contou com a participação de comerciantes muçulmanos.

Sobre a importância de discutir sobre religião no sistema globalizado, faz-se necessário diante da repercussão sobre o mundo islâmico no contexto moderno. Todas as considerações se tornam importantes em razão das falsas disseminações sobre a realidade islâmica dos e das muçulmanas(os), implicando em distorções e a generalização das comunidades muçulmanas, principalmente com o presente foco sobre as mulheres muçulmanas que pressupõe a ideia da mulher desprovida de autonomia para a escolha e propulsora da própria voz.

Este estudo sobre a experiência migratória das mulheres muçulmanas em Dourados traz para a realidade uma desmistificação em relação ao senso comum sobre migração muçulmana e o mundo islâmico em geral a partir das premissas teóricas norteadoras referentes às concepções de cultura, migração e religião, construídas no processo de inserção e integração dessas imigrantes na sociedade de chegada, elegendo os elementos religião e a própria cultura como constituintes identitários desse processo, foi permeado de constatações que caracterizaram o modo de vida dessas imigrantes em Dourados.

Iniciando pelo deslocamento geográfico, conclui-se que os problemas econômicos e políticos que ainda hoje, permanecem em algumas regiões de origem, foram elementos decisórios na mobilidade das migrantes. As questões que envolvem a guerra e todos os fatores consequentes a esta, como fragilidade política e reflexos de âmbito econômico são parte da conjuntura migratória mas não se descarta a existência do vínculo por redes sociais como processo decisivo na escolha de destino.

A maioria das entrevistadas apresentaram vínculos firmados anteriores à migração, que contribuíram para a escolha da cidade de Dourados. E mesmo àquelas que vieram fugidas de guerra e não conheciam ninguém além da própria família, ao chegar, firmaram laços embasados na religião em comum.

A existência da mesquita foi considerada como uma das razões que nortearam o agrupamento e a integração de algumas muçulmanas e muçulmanos no início da chegada dos primeiros imigrantes, como um espaço comunitário. No entanto percebe-se que não é firmado

como um elemento indispensável à prática religiosa das mulheres, considerando que a maioria não se desloca de suas casas para participar dos cultos religiosos. Por diversos motivos, como distância, dificuldades de comunicação, a falta de tempo vinculada ao trabalho e até mesmo, por atritos com relação ao ambiente majoritariamente masculino. Por isso, a maioria das mulheres, preferem rezar em suas casas e se reúnem na mesquita apenas em eventos festivos que buscam proporcionar o convívio social e a comunhão entre elas, constituindo um espírito e o sentimento de comunidade.

Assim posto, notou-se que a imigração para o Brasil e para Dourados transformou o comportamento da mulher muçulmana em alguns aspectos e firmou em outros, adaptando-se ao contexto da sociedade de chegada, como a exemplo do uso do véu e a mudança nos costumes, que se mesclaram à cultura local.

Pelas interpretações de cultura, notou-se que a incorporação de certos elementos característicos da cultura brasileira, não significou a perda de identidade cultural por parte dessas mulheres, mas sim, como sua reafirmação enquanto mulher muçulmana. Desta forma, é interessante observar que, a identificação de que uma mulher usando o lenço seja muçulmana é somente externa e não interna ao grupo de imigrantes muçulmanos, uma vez que, para eles, este elemento não é fundamental para a definição ou distinção do que seria ser ou não muçulmana.

Durante a pesquisa de campo, portanto, foi possível constatar que as mulheres migrantes e muçulmanas que passaram pelo processo de deslocamento geográfico, tiveram certas dificuldades de adaptação cultural no início de chegada, considerando o choque cultural e todos os empecilhos regionais como a xenofobia, mas que com o passar dos anos e ao passo que foram se habituando e integrando aos costumes locais, percebe-se uma modificação com relação às tradições religiosas, considerando a inserção no mercado de trabalho possibilitando a autonomia financeira e a reinterpretção dos papéis de gênero adquiridos na sociedade de origem.

Mesmo com o sentimento de pertencimento e a vontade de continuar na cidade, as práticas diárias de religião e a religiosidade não se modificam, mas passam a se fortalecer.

Tal mudança surge de uma reinterpretção da adesão religiosa provocada pela inserção na sociedade receptora, principalmente no mercado de trabalho, e da internalização de um dos traços culturais típicos da modernidade ocidental: a autonomia do indivíduo.

Nesse sentido, ao abordar as relações internacionais de forma cada vez mais integrada, nos deparamos com particularidades desse sistema, que envolvem um cenário multifacetado, compreendendo elementos como as diversidades culturais, étnicas e religiosas.

Em outros termos, o processo de socialização na sociedade brasileira e douradense, principalmente no que diz respeito à inserção no mundo de trabalho e até no mundo acadêmico dentro de uma sociedade pluralista, faz com que os paradigmas de pertencimento e de crenças se tornem cada vez mais desinstitucionalizados, fortalecendo a autonomia da mulher migrante.

Assim, a religião é identificada como pilar para a construção e reafirmação de identidades no processo de inserção e integração dessas mulheres muçulmanas, no período pós-migratório como um processo de feminização das migrações, previamente exposto por Roberto Marinucci, assumindo uma dimensão da reafirmação da identidade em virtude da adaptação ao contexto social douradense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS – Tratamento desigual de mulheres pode gerar apátrida em pelo menos 25 países, 2012 Disponível em <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/tratamento-desigual-de-mulheres-pode-gerar-apatridia-em-pelo-menos-25-paises/> Acesso em Novembro 2017.

AL-JERRAHI, Muhammad Ragip. História da presença islâmica no Brasil : um breve relato. Sevilha, 2003.

ALLIEVI, Stefano. Le trappole dell’immaginario: islam e occidente, EEU, 2007.
ANISTIA INTERNACIONAL. Elección y prejuicio: discriminación de personas musulmanas en Europa. Madrid, 2012

ÁRABES viraram “turcos” no Brasil. Folha de São Paulo, Da redação, 23 de setembro de 2001, Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/guerranaamerica/fj2309200143.htm> Acesso em Setembro, 2017.

ARANGO, Joaquín - las migraciones internacionales en un mundo globalizado , 2007

ARANGO, Joaquín. Enfoques conceptuales y teóricos para explicar la migración. In: Revista Internacional de Ciencias Sociales, 2000

AS RELIGIÕES: Islamismo. Disponível em http://asreligoes.globo.com/religiao_pt/scripts/religiao.asp?idReligiao=38&tipo=3, Acesso em Junho, 2017.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SASAKI, Elisa Massae. Teorias das migrações internacionais. In: XII Encontro Nacional da ABEP 2000 – A migração internacional no final do século. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf .Acesso em: Julho, 2017

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais: construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos. In: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana – REMHU v. 17, nº 32, 2009

ASSIS, Gláucia, - De Criciúma para o mundo – Os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares. In MARTES, C. e FLEISCHER, S - Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais. 2003

BELLO, Ângela Ales. Culturas e religiões – Uma leitura fenomenológica. Bauru, 1998.

BORGES, Lucimar - religião e vocação para o comércio: elementos para a constituição da identidade de imigrantes muçulmanos em Goiás, 2004

BOTEGA, Tuíla. A interface entre migração internacional e mobilidade social: um estudo com migrantes retornados em Goiás. 2015, Brasília, 2015.

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade . Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, Culturas híbridas, poderes oblíquos, 1997

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – Migrações na atualidade, Por um olhar mais humano sobre as mulheres migrantes – n105, 2016 Disponível em : http://www.csem.org.br/images/Resenha_n__105_-_Novembro_2016.pdf. Acesso em Maio, 2017.

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – Migrações na atualidade, A diáspora muçulmana para além dos estereótipos – n102, 2016 Disponível em : http://www.csem.org.br/images/Resenha_n__102_-_Novembro_2016.pdf. Acesso em Julho, 2017.

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – Migrações na atualidade, O papel profético das religiões junto aos migrantes – n72, 2008 Disponível em : http://www.csem.org.br/images/Resenha_n__72_-_Setembro_2008.pdf. Acesso em Julho, 2017.

COMO SER UM MUÇULMANO. Sociedade para a Divulgação do Islam no Brasil, São Paulo, n. 2, s.d.

COSTA, Claudio de Lima - Feminismo e tradução cultural Sobre a colonialidade de gênero da descolonização do saber, 2012.

CSEM. Mulher migrante agente de resistência e transformação. Projeto de Pesquisa, Mimeo, 2012

DEPARTAMENTO DE ASUNTOS ECONÓMICOS Y SOCIALES (ONU). Estudio mundial sobre el papel de la mujer en el desarrollo – 2004. La mujer a la migración internacional. Nações Unidas, 2006.

DUTRA, Delia da S. M. Mulheres migrantes peruanas em Brasília. O trabalho doméstico e a produção do espaço na cidade. Brasília: CSEM; Sorocaba, SP: OJM, 2013. Disponível em: http://www.csem.org.br/images/livros/migracoes/Ebook_Migracao_internacional_e_trabalho_domestico_2a_prova.pdf. Acesso em Julho, 2017

DUTRA, Delia; BOTEGA, Tuíla - Migrações internacionais: a problemática das mulheres migrantes In: Relatório de pesquisa Mulher migrante: agente de resistência e transformação. Brasília: CSEM, 2014. Disponível em: http://csem.org.br/images/livros/caminhos/Relatorio_de_pesquisa_CSEM_Mulheres_migrantes.pdf Acesso em Julho, 2017

FARAH, Paulo Daniel et al. Uma religião desconhecida. Folha de São Paulo, 23 de Setembro de 2001, Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/guerranaamerica/fj2309200118.htm> Acesso em Setembro 2017.

FARAH, Paulo Daniel. Oposição a Taleban aproxima Irã dos EUA. Folha de São Paulo, 23 de setembro de 2001, Disponível em <http://ww1.folha.uol.com.br/folha/especial/guerranaamerica/fj2309200137.htm> Acesso em Setembro 2017

HAMAO, Stephen F, The Instruction Erga migrants caritas Christi: A response of the Church to the migration phenomenon today, 2003. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/s_index_migrants/rc_pc_migrants_sectionmigrants_po.htm Acesso em Junho 2017

ISLAMISMO, un pequeno histórico. Disponível em <http://gospelnetrafa.vila.bol.com.br/islamismo.htm>, Acesso em Junho 2017

KOSMINSKY, Ethel V. - Por uma etnografia feminista das migrações internacionais dos estudos de aculturação para os estudos de gênero, 2007.

LARAIA, Roque de Barros, Cultura, um conceito antropológico, 2001.

LIMA, Cira, A ‘primavera’ para as mulheres árabes: ideais e realidades.

LISBOA, Teresa K.. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. 2007

MARINUCCI, Roberto. Feminização das Migrações. Disponível em : http://www.csem.org.br/pdfs/feminizacao_das_migracoes_roberto_marinucci2007.pdf, Acesso em Maio, 2017. [Cf. versão em inglês do artigo publicada na REMHU, v.15, n.29, 2007].

MARINUCCI, Roberto. Mulheres, migrantes e muçulmanas. Percursos de discriminação e empoderamento. In: VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; BOTEAGA, Tuíla (orgs.) Política migratória e o paradoxo da globalização. CSEM, 2015.

MARINUCCI, Roberto; MILESI, Rosita. Migrações internacionais: em busca da cidadania universal. Revista Sociedade em Debate. Pelotas. 2005.

MEZZADRA, Sandro. Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade. *REMHU*, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 23, n. 44, p. 11-30, jan./jun. 2015.

MIGNOLO, Walter - Gênero e Descolonialidade, 2014

MONTEIRO, Glauce - Brasil: Idas e voltas de mulheres da Amazônia- Pesquisa identifica Suriname e países europeus como destinos mais frequentes, em seu estudo para o Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios- CSEM, 2012

Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. *REMHU*, Revista Interdisciplinar. Mobilidade Humana, n. 40, 2013

NAGRA, Baljit. - Our Faith Was Also Hijacked by Those People: Reclaiming Muslim Identity in Canada in a Post-9/11 Era. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 37, n. 3, 2011.

NAZARETH, Juliana. Na hora que tá em sufoco, um ajuda o outro - Um estudo sobre famílias chefiadas por mulheres urbanas de baixa renda. 2003

NAZARETH, Juliana; D’AVILA NETO Maria - Redes Sociais na Experiência Migratória de Mulheres Nordestinas. In: ABRAPSO, Anais de trabalhos completos - XV Encontro Nacional da Abrapso, 2009.

Organização Internacional de Migrações (OIM) – Panorama migratorio de America del Sur. 2012. Disponível em https://www.iom.int/files/live/sites/iom/files/pbn/docs/Panorama_Migratorio_de_America_de_l_Sur_2012.pdf. Acessado em Julho, 2017.

PARELLA, Sònia Rubio. Mujer, inmigrante y trabajadora: la triple discriminación. Barcelona: Anthropos, 2003.

PASSOS, Lídia M. Vianna; TOLENTINO, Célia Ap. (org.). Idéia e Cultura nas Relações Internacionais. Marília: Oficina Universitária, 2007.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. Sociedade e Cultura, v. 11, n. 2, 2008.

Pontifício Conselho da Pastoral Para Os Migrantes e Itinerantes. Erga Migrantes Caritas Christi, 2004 n. 35

SADIQI, Fatima, Estereótipos e mulheres na cultura marroquina, 2008.

SAMPER SIERRA, Sarai - Procesos de transformación de las creencias religiosas entre las mujeres inmigrantes marroquíes en España. Migraciones, n.13,. 2003.

SAMPER SIERRA, Sarai. Procesos de transformación de las creencias religiosas entre las mujeres inmigrantes marroquíes en España. Migraciones, n.13, p. 107-136, jun. 2003

SEYFERTH, Giralda. Imigração e cultura no Brasil. Brasília: UnB, 1990

SILVA, Ana Paula; LINHARES Monique; MELO Rachel Emanuelle In: Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados- v.6. n.11, jan./jun. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes> Acesso em Agosto, 2017

SILVA, ANXSUELL - Interfaces das práticas de saúde e religiosas nos hospitais espíritas brasileiros para a Inter-Legere, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, nº 17, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/viewFile/9935/7037> Acesso em Agosto, 2017.

SILVA, Eliane Moura, Religião, Diversidade Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para cidadania. In: Revista de Estudos da Religião N.2, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu - Identidade e diferença : a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, Weber - A emigração valadarensense à luz dos fundamentos teóricos da análise de redes sociais. In MARTES, A. C. e FLEISCHER, S. - Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais, 2003

SOARES, Weber. Redes Sociais e Rede Migratória: agências e agentes que singularizam a migração internacional de valadares (relatório de pesquisa) - Belo Horizonte, 2008.

TICKNER, J.A. You Just Don't Understand: Troubled Engagements between Feminists and IR Theorists. International Studies Quarterly, Vol. 41, N.4, 1997.

WILFRED, Felix. As religiões em face da globalização, 2001

ANEXOS

Questionário para entrevistas com as imigrantes muçulmanas

1- Entrevistadas filhas de imigrantes

- 1 – Qual a causa da migração da família para o Brasil e Dourados?
- 2 – Houveram mudanças no comportamento da sua mãe depois de chegar ao Brasil?
- 3 – Como foi pra você, como filha, ver a mãe passando por esse processo?
- 4 – Como foi pra você se adaptar ao novo estilo de vida?
- 5 – Como vocês conciliaram o seu modo de vida com o da sociedade douradense?
- 6 – Passaram por algum tipo de preconceito?
- 7 – Ainda acontece o envio de remessas para a família que ficou?
- 8 – Você e/ou a família, ainda praticam a religião?
- 9 – Com que frequência vão à mesquita?

Questionário para entrevistas com as imigrantes muçulmanas

2- Entrevistadas imigrantes

- 1 – De onde veio e por que migrou para o Brasil e para Dourados?
- 2 – Conhecia alguém que já morava aqui?
- 3 – Como se sente sobre conhecer pessoas aqui, de regiões próximas à sua cidade natal?
- 4 – Há quanto tempo segue o islamismo?
- 5 – Depois de chegar em Dourados, ainda frequenta a mesquita?
- 6 – Ainda reza todos os dias, mesmo não frequentando?
- 7 – Quais são as diferenças entre a prática aqui e a de seu país?
- 8 – Qual foi o maior obstáculo que enfrentou durante a migração?
- 9 – Sofreu ou sofre preconceitos?
- 10 – Qual a maior diferença cultural que você sentiu?
- 11 – Há alguma prática que realiza ou deixou de realizar depois que chegou?
- 12 – Quais os conflitos entre o novo modo de vida e os critérios/mandamentos regidos pela religião islâmica?
- 13– Como você concilia o novo modo de vida com o da sociedade douradense?
- 14 – O que o hijab representa pra você?
- 15 - Têm vontade voltar para o seu país?

Questionário para entrevistas com as imigrantes muçulmanas

3- Entrevistadas brasileiras convertidas

1 – Há quanto tempo se converteu?

2 – Qual foi a principal causa?

3– Como foi se adaptar aos novos estilos de vida, seguindo os mandamentos e a religião islâmica?

4 – Qual o maior obstáculo para quem já era acostumada com uma determinada cultura e busca se inserir em outra? Tanto para as imigrantes como para quem se converte.

5 – Você acha que como brasileira, acontece uma maior exigência no seguimento religioso?

6 – Acha que existe algum aspecto de aculturação entre as migrantes e os costumes locais?